



Ano 2 | # 02 | edição bimestral | março e abril de 2009

Revista editada pela Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação – Intercom

Gastando a sola do sapato

TCHÉKHOV, Anton. *Um bom par de sapatos e um caderno de anotações*. Como fazer uma reportagem. Seleção e prefácio de Piero Brunello. Tradução do russo e do italiano de Homero Freitas de Andrade. São Paulo: Martins, 2007. 160p.

ISBN: 978-85-99102-36-7

Ana Elisa Ribeiro¹

O paratexto de alguns livros é imprescindível para a compreensão da obra. Também todo o aparato preparado para emoldurar um livro pode ser tão bom quanto o texto principal, guardadas aí as proporções entre o que é principal e o que é (ou deveria ser) secundário. Vez ou outra, lembro-me da leitura impressionada que fiz de uma obra de Noam Chomsky cujo prefácio era de Raposo. A moldura me ficou na memória mais do que o quadro. No livro de Tchékhev que ora pretendo resenhar não é bem este o caso, mas certamente o prefácio, as orelhas e o texto de contracapa enquadram bem melhor o que o texto do médico russo significa.

Anton Tchékhev nasceu na Rússia em 1860 e morreu na Alemanha de 1904, muito jovem, portanto. Nesse ínterim, foi médico e escritor, atuando paralelamente como jornalista e correspondente para algumas reportagens. Em tempos de censura, manteve intensa correspondência com seu editor, Suvórin. Uma de suas empreitadas jornalísticas é narrada nesta obra, intitulada *Um bom par de sapatos e um caderno de anotações*, apresentada com forte interferência do autor da seleção dos textos e do prefácio à edição, o professor de História italiano Piero Brunello.

¹ Doutora em Linguística Aplicada pela UFMG, atualmente em estágio pós-doutoral no programa de pós-graduação em Comunicação da PUC-Minas. Professora do mestrado em Estudos de Linguagens do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET-MG).

Quando tinha aproximadamente 30 anos, o médico Tchékhov foi convidado a escrever uma reportagem sobre a ilha de Sacalina, espécie de isolamento prisional onde ficavam os deportados do continente tsarista. O então aluno de doutorado tratou logo de querer transformar a viagem em sua tese, algo que, finalmente, não ocorreu. Ao longo da missão, escreveu cartas ao editor e redigiu notas sobre a experiência vivida na ilha. Muito detalhista, Tchékhov oferece ao leitor um retrato impressionante dos modos de vida daqueles presos, seus costumes e hábitos, além das condições desumanas em que vivam ali. Tal situação também se aplicava aos “funcionários” daquele lugar, obrigados a se manter tão deportados quanto os “criminosos”.

A intervenção do prefaciador, professor Brunello, é sentida não apenas pela seleção e pela edição dos textos, por seu ordenamento e sequenciação, mas principalmente porque ele deu ao material um tratamento que serve, muito bem, ao ensino de metodologia de pesquisa. Difícil imaginar como, mas a leitura cuidadosa da obra não deixa dúvidas. Trata-se de uma organização da seleção de textos e fragmentos de cartas e anotações de Tchékhov enquanto escrevia o que um dia seria seu livro *A ilha de Sacalina*, considerado por alguns uma obra literariamente fraca, enquanto, para outros, trata-se de uma reportagem malfadada. A organização de Brunello confere aos fragmentos um sentido bastante metodológico, sendo dividida em três partes, além de apêndice e um posfácio. As três partes são “Preparativos”, “Pesquisa” e “Escrita”, que se desenvolvem em pouco mais de 120 páginas.

Muito embora o livro tenha como subtítulo “Como fazer uma reportagem”, o texto trata dos passos de qualquer pesquisa de campo que se preze. O planejamento, as anotações minuciosas, as vivências intensas, a organização do material coletado, a exaustão do pesquisador profundamente envolvido são aspectos tratados pelo escritor russo e fortemente coloridos de atualidade pela seleção do professor italiano.

A pesquisa de doutorado de Tchékhov, com ênfase em algo que se poderia confundir com a etnografia, ganha ares de reportagem quando ele cita fontes, entrevista pessoas e se permite a composição de uma espécie de “diário de bordo”. Apesar do pensamento positivista que reinava no século XIX e início do XX (relativizado hoje em dia), o médico russo apostava em seu envolvimento com a ilha e com as pessoas que nela sobreviviam, embora não tivesse uma intenção intervencionista, como seria o caso

da pesquisa-ação. O “bom par de sapatos” fica dedicado à necessidade, tanto para cientistas quanto para repórteres, de que o pesquisador se embrenhe nas viagens que levam à matéria.

Sacalina transtornou Tchékhev. Durante algum tempo, o texto da reportagem ficou embargado em sua memória, assim como o mau cheiro daquela ilha. Nem repórter nem médico. Restaram então as anotações, transformadas em uma rede inacabada de técnicas de reportagem e de pesquisa.

Muito embora fique um tanto monótona à medida que avança, a obra merece ser lida por pesquisadores e candidatos a cientistas nos dias de hoje. Também merece ser lida por jornalistas em formação, especialmente aqueles que pensam que o jornalismo se faz sentado na redação (e apenas isso). Tanto melhor se a leitura de *Um bom par de sapatos e um caderno de anotações* for feita por estudantes de jornalismo em fase de estudos monográficos. Certamente o texto admiravelmente leve de Tchékhev, mesmo na descrição de experiências devastadoras, auxiliará na formação do leitor-profissional.

